

PSICANÁLISE, FILOSOFIA E CIÊNCIA NO DISCURSO FREUDIANO

(Psychoanalysis, Philosophy And Science in the Freudian Discourse)

Valéria Ghisi¹
Sérgio Scotti²

Resumo: Dois aspectos principais destacam-se no discurso freudiano sobre a filosofia. Em primeiro lugar encontramos a todo tempo a tentativa de expor a psicanálise como algo radicalmente diferente do discurso filosófico com o intuito de estabelecer a primeira no campo da ciência. Em segundo lugar, e em decorrência do primeiro objetivo, podemos encontrar de forma sistemática a desvalorização do pensamento filosófico em relação ao pensamento científico. Este artigo se propõe a estabelecer, cronologicamente, a posição da filosofia no discurso freudiano de forma a explicitar as questões implicadas em tais afirmações. Poderemos acompanhar o movimento que, simultaneamente, afasta a psicanálise da filosofia para aproximá-la da ciência mas que deixa aberto um espaço para o trabalho especulativo característico das construções freudianas.

Palavras-Chave: Freud, Psicanálise, Filosofia

Abstract: Two main features stand out in the Freudian discourse on philosophy. First, we frequently find an attempt to expose psychoanalysis as something radically different from the philosophical discourse in order to establish the first in the field of science. Secondly, and as a result of the first objective, we can find in a systematic devaluation of the philosophical thought in relation to scientific thinking. This article tries to establish, chronologically, the philosophy position in Freudian discourse in order to clarify the issues involved in such statements. We can follow the movement that simultaneously removes psychoanalysis from philosophy to bring it closer to science but that leaves a space open for speculative work characteristic of Freudian constructs.

Key-words: Freud, Psychoanalysis, Philosophy

Mesmo tendo muitos temas em comum, a articulação entre filosofia e psicanálise não se mostra evidente. Se tomarmos como ponto de partida as referências freudianas à Filosofia veremos o quanto tal aproximação pode ser problemática. Dois aspectos principais destacam-se no discurso freudiano sobre a filosofia. Em primeiro lugar encontramos a todo tempo a tentativa de expor a psicanálise como algo radicalmente diferente do discurso filosófico com o intuito de estabelecer a primeira no campo da ciência. Em segundo lugar, e em decorrência do primeiro objetivo, podemos encontrar de forma sistemática a desvalorização do pensamento filosófico em relação ao pensamento científico. Este artigo se propõe a estabelecer, cronologicamente, a posição da filosofia no discurso freudiano de forma a explicitar as questões implicadas em tais afirmações. Poderemos acompanhar o movimento que, simultaneamente, afasta a

psicanálise da filosofia para aproximá-la da ciência mas que deixa aberto um espaço para o trabalho especulativo característico das construções freudianas.

Primeira década: a criação de uma psicologia científica distinta da filosofia

Em 1890, ao escrever sobre o tratamento psíquico, Freud apresenta a ciência médica como uma disciplina recém afastada da filosofia que se interessa exclusivamente pelos aspectos físicos das doenças. Ao dedicarem-se apenas ao corpo, os médicos cometeriam o erro de deixar o psiquismo nas mãos dos filósofos. É necessário que a medicina se interesse sobre os efeitos do psiquismo sobre o corpo e o aborde desde uma perspectiva científica. Assim procedendo seria possível constituir um verdadeiro conhecimento sobre o psiquismo e estabelecer procedimentos mais eficientes para o tratamento das neuroses uma vez que estas, segundo Freud, são influências modificadas da vida psíquica sobre o corpo. É necessário então que se desenvolva uma disciplina médica que tome como objetivo o estudo das influências do psiquismo sobre o corpo sem, com isso, abandonar o terreno da cientificidade e retornar à filosofia

Em *A interpretação dos sonhos* (1900) Freud anuncia o tom de suas críticas à filosofia afirmando ser a tarefa da psicanálise trazer para o discurso científico o estudo dos processos inconscientes, recusado pelos filósofos que estabelecem a equivalência entre consciência e psiquismo. Sem determinar quais seriam esses filósofos, Freud insiste na originalidade de seu objeto.

Enquanto a psicologia lidou com esse problema através de uma explicação verbal no sentido de que psíquico significava consciente, e de que falar em processos inconscientes era um contra-senso palpável, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos anormais estava fora de cogitação. Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão processos psíquicos inconscientes é a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecido. Só resta ao médico encolher os ombros quando lhe asseguram que ‘a consciência é uma característica indispensável do psíquico’, e talvez, se ele ainda sentir respeito suficiente pelos enunciados dos filósofos, ele possa presumir que eles não estavam tratando da mesma coisa ou trabalhando na mesma ciência. (p.636)

O mesmo argumento é retomado diversas vezes nessa primeira década do século XX. Podemos encontra-lo em 1901, nas páginas 108 e 109 dos *Fragments da análise de um caso de histeria*, e também nos textos: *Sobre a psicoterapia* (1904), *O chiste em suas relações com o inconsciente* (1905), *Delírio e sonho na Gradiva de Jensen* (1907) *O homem dos ratos* (1909)

No texto de 1904 é evidente a proposta freudiana de afastar radicalmente a psicanálise da filosofia pois tal aproximação seria algo temível para a nova ciência. Freud inicia sua conferência afirmando que se as teorias psicanalíticas encontraram algum reconhecimento o mesmo não pode ser dito da técnica que as acompanha. Atribui essa dificuldade ao fato de que a psicoterapia seria muitas vezes vista pelos médicos como uma espécie de misticismo não científico indigno do interesse de um “investigador da natureza.” (p.224) É dessa visão de psicologia que Freud tenta afastar a psicanálise ao propô-la sob a forma de uma “psicologia científica”(p.245). Ao final da mesma conferência Freud afirma:

Mas não temam os senhores que isso nos precipite nas profundezas da mais obscura filosofia. Nosso inconsciente não é de modo algum idêntico ao dos filósofos, e além disso, a maioria destes nada quer saber sobre o psiquismo inconsciente(p.252)

De toda forma Freud tenta estabelecer a diferença entre dois campos que, em sua escrita, são radicalmente distintos. Se o filósofo aborda o inconsciente, este não é o mesmo inconsciente da psicanálise pois é considerado apenas enquanto o oposto ao consciente. Se rejeita a ideia de inconsciente é porque está submisso à perspectiva consciencialista, que nada tem a ver com a psicanálise. Portanto, a psicanálise se estabelece alheia à toda e qualquer proposição filosófica.

Segunda década: a ciência psicanalítica

A segunda década de escritos freudianos irá deixar um pouco de lado o distanciamento da filosofia para empreender um maior posicionamento da psicanálise enquanto prática clínica científica. Nesta época Freud irá escrever diversos textos que tem por objetivo apresentar a clínica da psicanálise e, simultaneamente, estabelece-la como uma prática científica, ou seja, baseada na experimentação e na observação de fenômenos determinados.

Em 1912, no texto intitulado *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* encontramos a afirmação recorrente de que, em psicanálise, a técnica se estabelece como consequência da experiência clínica. Segundo Freud:

Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é indubitavelmente o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem; não obstante, após certo ponto, a técnica exigida por um opõe-se à requerida por outro. (...) Casos que são dedicados, desde o principio, a propósitos científicos sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer sem qualquer intuito a vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se o enfrenta com liberalidade, sem quaisquer suposições. (p.128)

Desta passagem podemos concluir que a psicanálise clínica obtém seus melhores resultados quando não segue um roteiro pré-determinado de procedimentos e quando não é orientada por suposições. O mesmo argumento será repetido em 1913 em *Sobre o início do tratamento*, quando a análise é comparada ao jogo de xadrez no qual apenas o início e o fim das partidas podem ser objeto de recomendações, entre estes dois pontos o que existe é uma infinidade de jogadas possíveis. Freud afirma que as recomendações que se estabelecem em relação à condução de uma psicanálise não exigem aceitação incondicional e opõe-se claramente a qualquer mecanização da técnica.

Torna-se então legítimo questionar a cientificidade da prática psicanalítica. Sem um planejamento de ações, sem determinação de objetos específicos e, conseqüentemente, sem um procedimento que possa ser repetido e verificado, como pode a psicanálise estabelecer-se enquanto uma ciência?

Na conferencia XXVIII de 1916 novamente encontramos o argumento de que o que é bom para a terapia é prejudicial para as pesquisas mas desta vez o foco é o fenômeno da transferência. Uma das objeções frequentemente feitas contra a psicanálise, ressaltada por Freud no referido texto, é a suposição de que o médico influencia o paciente de tal forma que os resultados objetivos das descobertas psicanalíticas se tornam duvidosos. Freud responde a tal consideração afirmando que em psicanálise, ao contrario das terapias sugestivas, a transferência é também submetida ao tratamento. Esta é analisada como mais uma das manifestações da neurose e constantemente resolvida por ser considerada expressão da doença. O tratamento sugestivo, este sim poderia ser alvo das criticas feitas contra a psicanálise uma vez que estimula e preserva cuidadosamente a transferência, mantendo-a intocada.

Em 1918 Freud retoma os dois temas acima apresentados e concebe a psicanálise como um conhecimento ainda em construção e, portanto, incerto e inacabado. Sua proposta é de admitir as imperfeições, aprender novas coisas e alterar o

método quando necessário. Continua, entretanto, a recusar que o analista, aproveitando-se da situação da transferência, imponha-se ao paciente e determine suas ações ou pensamentos.

Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio em nossa propriedade privada, a decidir por ele seu destino, a impor-lhe nossos próprios ideais e, com o orgulho de um Criador, a formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. (p.178)

Logo em seguida, neste mesmo texto, Freud ira retomar o tema da filosofia para afirmar que a psicanálise não deve se colocar a serviço de qualquer perspectiva filosófica. Seria uma grave desvio ético assumir uma determinada visão de mundo e impô-la aos pacientes. Novamente vemos que na escrita freudiana a filosofia surge como um desvio, um equívoco, e mesmo, um problema. Desta vez não se trata de estabelecer a psicanálise enquanto ciência, e por isso afasta-la da especulação filosófica, o que encontramos é a recusa explícita em adotar uma filosofia e divulga-la por meio do trabalho analítico. Assim, a psicanálise não é uma filosofia e tão pouco compartilha de alguma visão de mundo. Ao contrario, tal procedimento é radicalmente oposto à liberdade que a psicanálise pretende garantir a seus pacientes.

Terceira década: a especulação psicanalítica

Em 1920, no polêmico texto *Além do principio de prazer*, Freud apresentará uma escrita sobre a filosofia um tanto diferente do que apontamos até então. No capítulo VI encontramos explicitamente a referencia à especulação psicanalítica. Freud não evita tomar este rumo, até então severamente criticado. Ao contrário, alerta seus leitores sobre sua proposta e segue adiante.

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (p.35)

Encontraremos nessa especulação referências um tanto vagas a Platão, Empédocles e Kant. Do primeiro Freud recorta parte da fala de Aristófanes, em *O banquete*, para apresentar a inicial indiferenciação sexual humana. Freud se refere aos conceitos de *Neikos* e *Philia*, formulados por Empédocles, para apresentar as pulsões de vida e morte. Kant é mencionado na medida em que, para Freud, as descobertas psicanalíticas poderiam colocar em dúvida sua proposição de que tempo e espaço seriam formas necessárias do pensamento.

As referências filosóficas no discurso freudiano são escassas e sempre pontuais. Muitas vezes dão a impressão de possuírem somente um valor retórico por serem apenas recortes deslocados de todo contexto que os origina e sem qualquer discussão complementar. Tais analogias aparecem apenas como forma de ilustrar o pensamento freudiano já que este não se considera filiado a nenhuma filosofia. Tudo se passa como se as descobertas psicanalíticas, originadas da experiência e da observação, encontrassem sua antecipação nas intuições dos mais renomados filósofos.

Em *Resistências à psicanálise* (1925) Freud retoma seu argumento de que o psíquico dos filósofos não é similar ao da psicanálise e o privilegio dado à consciência impede o dialogo entre as duas disciplinas. Em *A questão da análise leiga* (1927) irá retomar o problema da cientificidade da psicanálise e sua relação com a filosofia. Freud propõe-se, no inicio do segundo capítulo, a apresentar a psicanálise de uma forma compreensível a um publico que não participa do meio analítico.

Exporei isso dogmaticamente, como se fosse uma estrutura teórica completa. Mas não suponha ele que ela surgiu como essa estrutura, como um sistema filosófico. Nos a desenvolvemos lentamente, lutando com todos os pequenos detalhes da mesma, temo-la modificado sem cessar, mantendo um contínuo contato com a observação, até que ela finalmente adquiriu uma forma na qual parece ser suficiente para nossas finalidades. (...) A ciência, como se sabe, não é uma revelação; muito depois de seus primórdios ainda lhe faltam os atributos de determinação, imutabilidade e infalibilidade pelos quais o pensamento humano tão profundamente anseia. (p.187)

Opondo o surgimento revelado do sistema filosófico à lenta e trabalhosa evolução científica Freud insere a psicanálise nesta última categoria. Mesmo se o produto final possa ser semelhante a uma filosofia o processo que o constitui implicaria no campo científico. A ciência psicanalítica se interessa por um difícil e novo objeto de pesquisa, o psiquismo inconsciente, e o fundamenta através do estudo dos sonhos e dos sintomas neuróticos. A psicanálise encontra nestes um sentido e lhes explica, por isso poderia ser considerada uma ciência. Para Freud uma psicologia que não é capaz de explicar os sonhos não pode ser capaz de compreender o psiquismo e, conseqüentemente, não constitui uma ciência psicológica. Tal afirmação é estabelecida para diferenciar a psicanálise da psicologia em duas abordagens diferentes: a psicologia que se desenvolve nas universidades e nos laboratórios, que se dedicam ao estudo da fisiologia dos órgãos dos sentidos, e a psicologia não científica que todo e qualquer filósofo, escritor ou historiador ou biógrafo se autoriza a propor.

Um pouco mais adiante, entretanto, Freud irá afirmar seu interesse em permanecer em contato com o “modo popular de pensar” (p.190) tentando tornar suas construções cientificamente úteis ao invés de rejeitá-las. Essa é a maneira que Freud encontra para, simultaneamente, reconhecer que muito de suas teorias já se encontra nas especulações de poetas, escritores e filósofos sem, contudo, abrir mão de seu pioneirismo científico. Mais a frente encontraremos a distinção entre a psiquiatria, que procura os determinantes somáticos das perturbações mentais, e a psicanálise. No discurso de Freud ambas têm igual status de ciência mas diferem em seus objetos. É justamente por ser diferente da medicina que a psicanálise pode contribuir para a ciência. Freud afirma que o tratamento das neuroses é apenas uma das utilidades da psicanálise uma vez que esta pode se constituir como um conhecimento indispensável para as ciências humanas em geral.

No pós-escrito de 1927, anexo ao já referido texto, encontramos o resgate da afirmação de que cura e pesquisa são inseparáveis quando se trata da psicanálise. Essa ciência que se constrói no contato com cada paciente e o efeito desse novo conhecimento no processo terapêutico constitui, para Freud, o aspecto mais feliz do trabalho analítico.

Quarta década: a *Weltanschauung* da psicanálise

Em 1932 Freud dedica toda uma conferência para tratar das relações entre psicanálise, filosofia e ciência. Seu discurso parte de uma questão central que se desdobra em outra: “A psicanálise conduz a uma determinada *Weltanschauung* e, em caso afirmativo, a qual?” (p;155) Logo de início Freud apresenta sua concepção do que é uma *Weltanschauung*:

Em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixaria nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. (p.155)

O desejo por construções desse tipo constitui, na visão freudiana, algo extremamente humano e responde ao anseio pela segurança trazida pelo conhecimento absoluto que ensina, de forma inequívoca, a lidar com as dificuldades do dia a dia. A psicanálise permite à ciência compreender tais exigências da mente humana e examinar suas origens. Tal fato, entretanto, não significa justificar ou desprezar tais criações, trata-se apenas de desvendar suas motivações.

A psicanálise não constitui por si própria uma *Weltanschauung* mas participa da *Weltanschauung* científica. Esta última também supõe uma forma de explicar o mundo mas tal objetivo é um projeto futuro a ser atingido de forma lenta e seguindo um método bastante específico do qual não participam outras fontes de conhecimento além da “elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas”. (p.156) Nenhum conhecimento científico deriva da revelação ou da adivinhação, estas são apenas ilusões criadas para dar aparência de realidade a “impulsos plenos de desejos.” (p.156) Como exemplos dessas ilusões Freud cita a arte, a religião e a filosofia, as quais se diferem estruturalmente da ciência pois apenas esta última trabalha com a realidade. Ao colocar a filosofia ao lado da ilusão e ciência ao lado da realidade Freud deixa clara a hierarquia entre as duas disciplinas. Não se trata apenas de estabelecer diferenças mas sim de estabelecer um julgamento valorativo entre as duas.

Não é lícito declarar que a ciência é um campo da atividade mental humana, e que a religião e a filosofia são outros campos, de valor pelo menos igual, e que a ciência tem por que interferir nelas: que todas elas tem iguais pretensões de serem verdadeiras e que toda pessoa tem a liberdade de escolher de qual delas irá derivar suas convicções e em qual delas depositará sua crença. Uma opinião como esta é vista como especialmente superior, tolerante, emancipada e livre de preconceitos incultos. Infelizmente, não é sustentável e compartilha de todos os aspectos perniciosos de uma *Weltanschauung* não científica, e a esta equivale, na prática. (p.157)

Torna-se assim bastante claro e evidente os motivos que levam Freud a distanciar a psicanálise da filosofia e aproximá-la da ciência. Suas teorias, na medida em que se pretendem verdadeiras, não podem ser tomadas como ilusões filosóficas. Trata-se de trazer, para a psicanálise, a qualidade de ciência capaz de descrever e operar sobre a realidade e de afastá-la de qualquer proximidade a um discurso de valor inferior. Para Freud a filosofia diferencia-se da ciência por apegar-se à ilusão de ser capaz de apresentar uma visão de mundo coerente e sem falhas a partir de operações puramente lógicas e aceitar a intuição como fonte de conhecimento.

Freud compara a “lenta, hesitante e laboriosa” (p.169) marcha da ciência ao processo analítico em si. A observação constante, os novos fatos que se impõem, a construção de hipóteses prévias que serão comprovadas ou refutadas e a renúncia a conclusões precipitadas são práticas compartilhadas por cientistas e psicanalistas em seus respectivos trabalhos. Assim sendo, a Psicanálise não constitui uma *Weltanschauung* própria, ela compartilha da *Weltanschauung* científica por seu método e, principalmente, por sua ênfase no mundo real e rejeição das ilusões.

Ainda sobre a filosofia, Freud irá estabelecer a crítica do que denomina como niilismo intelectual, a saber, a crença de que a verdade não existe e de que a ciência é uma ilusão como as outras, também um produto das necessidades humanas. O niilista intelectual adota a posição de que não existe conhecimento seguro da realidade pois encontramos e vemos apenas o que desejamos. Portanto, pouco importa a opinião que se adota, ela não deixa de ser apenas uma opinião entre outras uma vez que não existe o critério de verdade que as distinguiria. Igualmente verdadeiras e falsas não se verifica uma hierarquia entre as diferentes crenças. Afirmando sua falta de interesse e capacidade para se aprofundar no tema Freud limita-se a afirmar que:

A teoria anarquista soa como sendo maravilhosamente superior enquanto se refere a opiniões sobre coisas abstratas mas desmorona ao primeiro passo que da na vida prática. (...) é o mesmo espírito científico que especula acerca da estrutura dos átomos, ou acerca da origem do homem, e que planeja a construção de uma ponte capaz de suportar uma carga. Se isso em que acreditamos fosse realmente coisa sem importância, se não houvesse aquilo que se chama conhecimento, e que se diferencia das opiniões por corresponder à realidade, poderíamos construir pontes tanto com papelão como com pedras (...) Mas os próprios anarquistas intelectuais rejeitariam tais aplicações práticas de sua teoria. (p.172)

Em última análise, o argumento freudiano remete à prática o valor da ciência. Ela é verdadeira porque funciona. Da mesma forma a psicanálise estabeleceu-se enquanto ciência inicialmente por seu valor terapêutico, já havia afirmado Freud no mesmo ano de 1932 ao final de sua conferência anterior. É da condição original de método de tratamento que a psicanálise extraiu as verdades que agora pode apresentar a respeito da natureza humana.

No *Esboço de psicanálise* (1938) encontramos ainda uma última vez a mesma referência à filosofia enquanto ligada ao consciencialismo e em oposição ao psiquismo inconsciente da psicanálise. Neste texto, deixado inacabado em virtude de sua morte, Freud repete aquilo que pudemos encontrar durante toda sua obra de modo constante e repetitivo. A filosofia, na perspectiva freudiana, é fundamentalmente contrária à psicanálise e isso em dois níveis distintos. A estrutura interna da filosofia, na medida em que esta se constrói por meio do uso da lógica e da intuição, se opõe às pretensões científicas da psicanálise que se deseja fundamentada na observação da realidade. Os pressupostos teóricos configuram o outro ponto de distanciamento na medida em que Freud identifica a filosofia à aceitação exclusiva de um psiquismo consciente, oposto ao fundamental conceito psicanalítico de um psiquismo inconsciente.

Freud antifilósofo?

Existe, entretanto, ao lado do homogêneo discurso antifilosófico três aspectos que devem ser considerados para estabelecer uma leitura mais ou menos adequada das relações entre Freud a filosofia e a ciência. A biografia de Freud, que nos dá indícios de alguém que se interessa bastante pela filosofia; o contexto histórico, que estabelece a prevalência da ciência sobre a filosofia quando se trata do valor das proposições sobre o psiquismo e a metapsicologia, solução freudiana para a parte especulativa de sua teoria.

Em sua biografia encontramos diversos elementos significativos do interesse pela disciplina especulativa. Durante a faculdade de medicina Freud acompanhou os seminários de Brentano destinados à iniciação à reflexão filosófica e história da filosofia. Ernest Jones, na biografia que escreve sobre Freud, ressalta que o estudo da filosofia, anteriormente obrigatório durante três anos do curso de medicina, foi suspenso quando Freud ingressou na faculdade. A não obrigatoriedade, entretanto, não o afastou dos estudos filosóficos. A retirada da Filosofia como disciplina obrigatória é indicativa do descrédito da mesma no meio médico-científico no qual Freud esteve inserido e do qual tirou sua formação fundamental. Podemos notar então, desde esse início acadêmico, a posição ambivalente da filosofia em relação a construção do pensamento freudiano.

Na mesma obra, Jones relata que cerca de 10 anos após o curso com Brentano Freud teria escrito para Martha, então sua noiva, um ABC filosófico no qual desenvolvia uma espécie de introdução à filosofia com o intuito de interessá-la pelo seu trabalho. Em uma carta de 16 de agosto de 1882, também a Martha, Freud declara que a

filosofia cada vez mais o fascina mesmo a tendo imaginado como um refugio para sua velhice. Já a Fliess escreve, em janeiro de 1897, que a filosofia era seu objetivo originário e, em abril de 1896, assinala que passando da medicina para a psicologia estaria realizando seu desejo de juventude em relação à aspiração ao conhecimento filosófico. Jones ainda menciona que Freud, ao ser por ele questionado sobre a quantidade de suas leituras em filosofia, lhe teria dito que enquanto jovem sentia-se fascinado pela especulação mas dela se afastou corajosamente e por isso lera poucas obras filosóficas.

Tem-se a impressão de que a Filosofia era um grande interesse do jovem Freud que teve de ser abandonado em virtude do desejo de que a psicanálise fosse levada a sério nos meios científicos. Sua inclinação para a filosofia ficou limitada a seu círculo mais íntimo e negada quando se tratam de declarações públicas. Entretanto, a mesma aparece em seu textos, principalmente nos de sua maturidade e velhice, camuflada sob um pseudônimo: a metapsicologia.

A metapsicologia

Sob o nome de metapsicologia encontraremos a porção especulativa da psicanálise implicada na construção de seus conceitos de base. A partir da observação dos fenômenos psíquicos encontrados no trabalho clínico com as neuroses faz-se necessária a construção de abstrações que permitam explicá-los. Os fatos, se considerados isoladamente, não permitem que se compreenda o mecanismo envolvido nos processos psíquicos. De tal condição decorre a necessidade da elaboração dos conceitos metapsicológicos. Essa forma de especulação, entretanto, difere da especulação filosófica por dois aspectos. Ela é consequente à observação, mantendo-se a ela ligada, e consiste em uma construção provisória, passível de ser alterada a qualquer tempo, assim que novos fatos que a contradigam sejam observados. Essa duas características se opõem ao apriorismo das causas primeiras, conceitos que, tomados como verdades, determinam a especulação. Em resumo podemos dizer que a especulação metapsicológica parte da observação para chegar à formulação de conceitos de base provisórios enquanto a especulação filosófica se inicia a partir de conceitos a priori.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900) ao ressaltar a insuficiência do conhecimento existente sobre o psiquismo Freud anuncia seu procedimento de construção conceitual.

Não há no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam... nem mesmo partindo da mais minuciosa investigação dos sonhos ou de qualquer outra função psíquica tomada isoladamente, é possível chegar a conclusões sobre a construção e os métodos de funcionamento do instrumento anímico, ou pelo menos, prová-las integralmente (p.543).

É a partir de diversas hipóteses provisórias que se inicia a construção da psicanálise. O jogo de forças, o inconsciente, o conflito psíquico são algumas das construções que aparecem desde o início das produções psicanalíticas. Estas, contudo, passam por diversas reformulações no decorrer do desenvolvimento da psicanálise, de modo que em 1937 Freud, já próximo à sua morte, escreve não a compreensão definitiva de sua ciência mas um *Esboço de Psicanálise* no qual afirma que:

Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto de exame que se apresenta diretamente à nossa

percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas. Não temos esperança de poder atingir esse estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo que de novo inferimos deve, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem de nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. Mas aqui reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência (p.210).

Em sua vertente teórica a ciência psicanalítica se apresenta sempre em construção e de modo algum se propõe a oferecer verdades acabadas e definitivas. Ao contrário, a psicanálise se mostra lacunar e, portanto, aberta para novas contribuições em um contínuo e constante processo de construção. Ao mesmo tempo em que, repetidamente, Freud identifica a psicanálise às ciências naturais, existe a necessidade de estabelecer construções especulativas que possam integrar os elementos observados na clínica.

Ao escrever a *História do movimento psicanalítico* (1914) Freud retoma os principais pontos de sua teoria. Seu interesse é encerrar uma discussão acerca daquilo que poderia ser, adequadamente, chamado de psicanálise estabelecendo claramente seus postulados e hipóteses fundamentais. Ao reconhecer a aproximação entre o resultado de suas pesquisas e o pensamento de alguns filósofos, entre eles Nietzsche, Freud afirma ter negado a si mesmo “o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de idéias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise.” (1914, p.26)

Em seguida afirma:

Tive portando de me preparar – e com muita satisfação – para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição. (FREUD, 1914, p.26)

Conclusão

O que podemos notar, a partir do recorte acima estabelecido, é que Freud se afasta da filosofia na medida em que esta pressupõe a especulação como método, na medida em que a intuição ocupa o lugar da pesquisa exaustiva sobre os fenômenos observáveis. Trata-se de uma questão metodológica completamente inserida no tempo histórico em que Freud elabora a psicanálise. Sua formação médica, o círculo social no qual divulga seus trabalhos e do qual espera obter reconhecimento e o cientificismo característico do pensamento do início do século XX o levam recusar a filosofia. Esta, entretanto, se apresenta sob a forma de metapsicologia, espaço construído para dar vazão às formulações especulativas da psicanálise sem que estas entrem radicalmente em contradição com as pretensões científicas freudianas.

Torna-se, portanto, inútil a tentativa de enquadrar a psicanálise em qualquer um dos dois sistemas de pensamento. Sempre haverá algo que escapa às delimitações da ciência ou da filosofia. É nesse sentido que podemos compreender as palavras de Freud em seu texto *As resistências à psicanálise* (1925)

Sucedee, então, que a psicanálise nada deriva, senão desvantagens, de sua posição intermediária entre a medicina e a filosofia. Os médicos a vêem como um sistema especulativo e recusam-se a acreditar que, como toda outra existência natural, ela se fundamenta numa paciente e incansável elaboração de fatos oriundos do mundo da percepção; os filósofos, medindo-a pelo padrão de seus próprios sistemas artificialmente construídos julgam que ela provém de premissas impossíveis e censuram-na porque seus conceitos mais gerais (que só agora estão em processo de evolução) carecem de clareza e precisão. (p.243).

Notas

1. Psicanalista, doutoranda em Psicologia (UFSC), estágio de doutorado (Paris 7) financiado pela CAPES.
2. Psicanalista, doutor em Psicologia Clínica pela USP, professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1890) *Tratamento psíquico ou anímico*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1900) *A interpretação dos sonhos*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1901) *Fragmentos da análise de um caso de histeria*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1904) *Sobre a psicoterapia*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1905) *O chiste em suas relações com o inconsciente*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1907) *Delírio e sonho na Gradiva de Jensen*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1909) *O homem dos ratos*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1912) *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1913) *Sobre o início do tratamento*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1914) *História do movimento psicanalítico*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1916) *Conferência XXVIII – A transferência*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1918) *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1920) *Além do princípio de prazer*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1925) *Resistências à psicanálise*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1927) *A questão da análise leiga*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1932) *Conferência XXXIV - Explicações, Aplicações e Orientações* — In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1932) *Conferência XXXV A questão de uma Weltanschauung* — In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1938) *Esboço de psicanálise*— In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JONES, Ernest. (1989) *Sigmund Freud: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Imago.